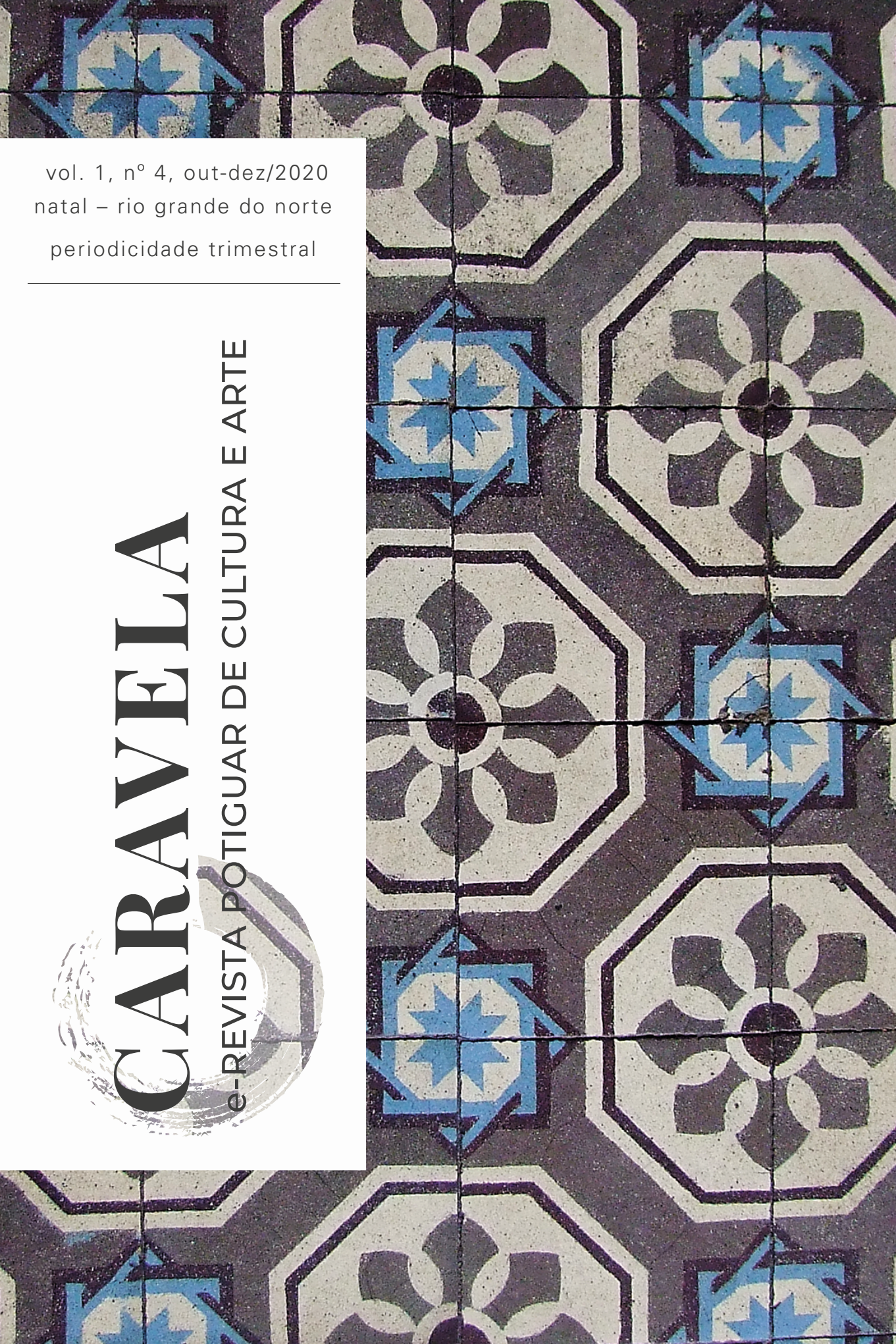


vol. 1, nº 4, out-dez/2020
natal – rio grande do norte
periodicidade trimestral

CARAVELA

e-REVISTA POTIGUAR DE CULTURA E ARTE



revista	Caravela e-Revista Potiguar de Cultura e Arte
editora	Caravela Selo Cultural
editores	José Correia Torres Neto e Margot Marie
conselho editorial	Alexis Peixoto Sheyla Azevedo Cícero Oliveira Ruy Alkmim Rocha Responsabilidade de cada autor
revisão ortográfica/gramatical	José Correia Torres Neto
revisão tipográfica	Verônica Pinheiro da Silva
bibliotecária	Fernanda Oliveira
projeto gráfico, tratamento de imagens e diagramação	Piso do Teatro Alberto Maranhão
imagem das 1ª e 4ª capas	José Correia Torres Neto
crédito das fotografias das 1ª e 4ª capas	
autores	Alfredo Neves Aluísio Azevedo Jr. Aluísio Mathias Amanda Romana Carla Alves Cefas Carvalho Cláudio Wagner Clécia Santos Gilvânia Marchado Humberto Hermenegildo Isabel Firmino Jeanne Araújo João Andrade José de Castro Júnior Dalberto Lucivaldo Feitosa Marcos Campos Margot Marie Maria Maria Gomes Ozany Gomes Renier Luiz Rosa de França Rosemary Melo Salizete Freire Sayonara Macêdo Tatiany Nascimento
tipologia	Garamond e Univers LT Std
periodicidade	Trimestral [out - dez 2020]

Catálogo da Publicação da Fonte: Elaborada por Verônica Pinheiro da Silva CRB-15/692.

Caravela: e-revista potiguar de cultura e arte [recurso eletrônico] / José Correia Torres Neto (Ed.). – ano 1, n. 4 (jan. 2020)- . Natal: Caravela Selo Cultural, 2020-

Vol. 1, n. 4 (dez. 2020).

Trimestral.
Resumo em português e inglês.
ISSN 2675-5114
ISSN 2446-9068 (versão impressa)

1. Literatura : Rio Grande do Norte - periódico. 2. Diálogo. 3. Arte. 4. Cultura.
5. Registro. I. Caravela Selo Editorial. II. Torres Neto, José Correia.

CDU 821.134.3 (813.2)

Os conteúdos, as opiniões e as conclusões apresentadas nesta edição são de inteira responsabilidade dos respectivos autores.
É proibida a reprodução total ou parcial dos textos e imagens, em qualquer suporte, sem a prévia autorização dos autores e da editora. Mesmo autorizada, será obrigatório referenciar a revista como fonte principal.

Contato com a editora: caravelaselocultural@gmail.com

CARAVELA

e-REVISTA POTIGUAR DE CULTURA E ARTE

vol. 1, nº 4, out-dez/2020
natal – rio grande do norte
periodicidade trimestral

editorial

CARAVELA

e-REVISTA POTIGUAR DE CULTURA E ARTE

vol. 1, nº 4, out-dez/2020
natal – rio grande do norte
periodicidade trimestral

COM A PALAVRA, A MUSA

Certa vez, ao participar de um sarau, fui convidada por um dos poetas a versejar um poema meu; e eu, prontamente lhe respondi: “não, não sou poeta, eu sou musa!”. Naquele momento mágico, entre rimas, sons, ritmos, no ateliê da artista plástica, Clarice Torres, em Ponta Negra, Natal-RN, envaideci-me ao me intitular como *musa*. Talvez, tal liberdade aconteceu por um desejo secreto de querer fazer a cabeça dos poetas, de ser a inspiração para suas criações, suas composições, suas obras. No entanto, hoje, ao ser convidada para participar do Vol I, nº 4 da CARAVELA e-REVISTA POTIGUAR DE CULTURA E ARTE, em homenagem à poesia, mais especificamente, à poesia potiguar, quero me retratar e revelar quem de fato é a musa. A musa é a arte; é a palavra; é o seu arranjo do sentido, de forma e conteúdo.

Ao bailar sobre o papel, ao deslizar em letras, signos, significações múltiplas, a musa é a própria *poesia*. Ela é o que está dentro do texto, é a essência, é a cor, é a alma. Desse modo, quando me virem por aí, dizendo que sou a musa, é uma mera bravata de quem quer ser muito, ou talvez quisesse até ser poeta e não conseguiu...

Diante desse reverberar, houve a condição de mencionar 26 poetas potiguares contemporâneos. Tarefa difícil, porque somos conhecidos por ser a capital de “ter um poeta em cada esquina”. E toda escolha é cruel no sentido de, ao passo que damos um sim aos escolhidos; deixamos de fora tantos outros de tamanho valor.

Pois bem, os convidados aqui são: Alfredo Neves, Aluísio Azevedo Jr., Aluísio Mathias, Amanda Romana, Carla Alves, Cefas Carvalho, Cláudio Wagner, Clécia Santos, Gilvânia Machado, Humberto Hermenegildo, Isabel Firmino, Jeanne Araújo, João Andrade, José de Castro, Júnior Dalberto, Lucivaldo Feitosa, Marcos Campos, Maria Maria Gomes, Ozany Gomes, Renier Luiz, Rosa de França, Rosemary Melo, Salizete Freire, Sayonara Macêdo, Tatiany Nascimento.

Ao selecionarmos esse recorte para homenagear a poesia potiguar, houve o cuidado de trazer personagens de renome, com publicações e reconhecimento local, nacional e internacional, como também poetas e poetisas que, de tão novos ainda, estão na gaveta, por timidez, reclusão etc., contudo, deram a si mesmos a oportunidade de estar entre os demais.

Os poemas mostrados nesta obra têm a cor da universalidade; trazem temas e dores de todos os tempos; tratam de um eu que é nosso; até a questão pandêmica, tão marcante nos nossos dias, foi mencionada em saudade dos abraços, em desesperos cantados aos quatro ventos. A infância é fotografia ecoada nas lembranças e nos versos; os amores, ah, esses não podem faltar; e o que dizer das frustrações, das dores existenciais – isso é grito revozeado a todo instante. Confira, você pode se identificar com um ou com todas as entrelinhas...

Foi um desafio elencar poetas, escolher entre textos, dispor do *design* das páginas, mas, certamente, uma gratificação singular, porque a musa fala por si só. Poesia não tem explicação. Poesia se sente e há uma cumplicidade, uma simbiose entre a pena e o papel, entre o papel e os olhos ligeiros dos leitores.

Assim, sintam-se convidados(as) para, nesta edição, pegar na mão da musa e passear entre campos e vales, às vezes, serenos; às vezes, obscuros; às vezes, melódicos; às vezes, rochedos e abismos, mas não menos belos.

Que você se encante e se espante: poesia é isso mesmo! É choque e choro; é sorriso e solidão! É só clicar!

Margot Marie

Numa noite quente de novembro de 2020

sumário

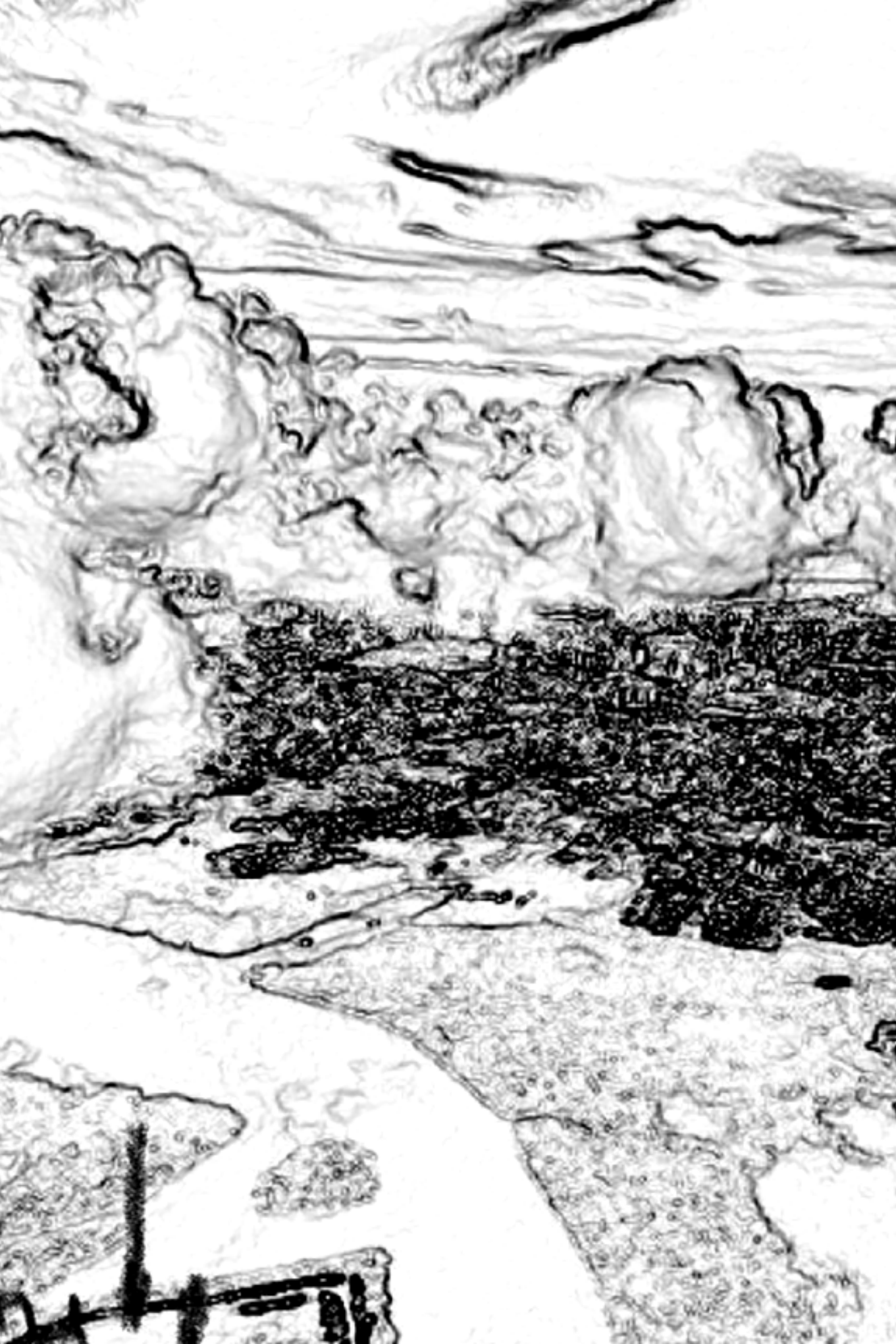
Alfredo Neves A noite e o grilo A dura vida	08
Aluísio Azevedo Júnior De cor e salteadas Noite em revolução	11
Aluísio Mathias Cores nordestinas O amor em tempos de lives	14
Amanda Romana Eu escrevo títulos longos para justificar dores rasas e que me matam	16
Carla Alves Rotina de brincar Primeira morada	19
Cefas Carvalho Chamado Biópsia	21
Cláudio Wagner A lua Amor? Calíope	23
Clécia Santos Domingo Sou giz	26

Gilvânia Machado ReeXistência Procura	28
Humberto Hermenegildo Casamento A mulher de Caetano Baptista	31
Isabel Firmino O vale Matemática Meu infinito	35
Jeanne Araújo Construção Balada para um anjo negro	39
João Andrade O abismo que trago em mim Não é qualquer egoísmo	41
José de Castro Tupiniquim Cantiga para moer o vento Divagações em tempos de quarentena	45
Júnior Dalberto Trégua Desde muito cedo	51
Lucivaldo Feitosa Vírus fatal Pandemia	53

Marcos Campos Maiakóvski Serguei Iessienin	57
Margot Marie 40° Nas estações	60
Maria Maria Gomes Curva Espinho	63
Ozany Gomes Novo ninho Efemeridade Êxtase Borboleta sem asas	66
Renier Luiz Cósmico abraço Congresso das dores	69
Rosa de França Minha face tua face nossa	71
Rosemary Melo Indagação/se... Mudras – mãos que falam Danço... Danço...	73
Salizete Freire Não vale pecar só hoje Nasci para ser feirante	77

Sayonara Macêdo 79
Despedi-me do tempo
Desvirginou-se!

Tatiany Nascimento 81
Novo amanhecer
Teu lápis preto
O Beijo



>>Alfredo Neves<<

Nascido em 28 de novembro de 1965, filho de Elza Ramos Neves e Onilio Rodrigues Neves. Cientista Social pela UFRN. Poeta, escritor, artista plástico e crítico de arte. Radicado no RN desde 1975. Autor de cinco livros: *A Marcha do Homem* (1998), *A aurora perdida* (2002), *Escritos à insônia* (2008), *20 Sonetos Impuros e Outros Poemas* (2010) e *O Amor Revelado* (2015). Participou de exposições individuais e coletivas, tais como: *Cores de Orvalho* (2016), na Livraria Nobel; em conjunto com o poeta e artista plástico João Andrade, *Da escuridão à rutilância, na Pinacoteca do Estado do RN* (2017); participou da Feira de Arte Potiguar (Feirart/2018); Teve duas telas selecionadas para o *III Salão Dorian Gray de Arte Potiguar* (2018) e uma no *IV Salão Dorian Gray* (2019); Exposição e palestra sobre Arte Contemporânea no Setor Jurídico da Caixa Econômica Federal do RN (2018); *Exposição Imaginarium* (2019), no Tribunal de Justiça do RN (TJ-RN); Exposição *Lírios do Campo* no IFRN de Canguaretama (Itinerante). Arte da capa da Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, da Edição de Nº 59, de abr-jun de 2019.

A noite e o grilo

O grilo ao anoitecer
cricrila sem parar
a revelar o mundo.
Procuro-o em mim
e nos arredores,
em buracos ermos
e na relva orvalhada.
Cismado, ao agito,
silencia a sua música
de poucas horas de vida.
O grilo, na solidão do escuro,
assim como eu,
quer apenas a paz
para fazer ecoar o seu grito.

A dura vida

A poesia se dissipa em arte
Ou em amenidades...
O que é lucidez – a lucidez?
A tarde lívida
Entre o negro e o azul
Desconhece o desespero.
Na estante um Quintana,
Na mesa um Neruda,
No asfalto um gato morto.
Afinal, estamos desenganados?
Somos mesmo singulares,
Poetas,
Absurdos?
Se há lucidez não revelo,
Tão pouco geometrizo,
Apenas escrevo.





>>Aluísio Azevedo Júnior<<

Escritor, editor, livreiro e artista plástico, nascido em São Paulo do Potengi. Consultor, licenciado em Letras, pós-graduado na área de marketing e finanças, começou a escrever livros em 2006. Participou da IV Bienal do Livro de Natal, do Movimento Poetas del Mundo, da Feira Internacional do Livro de Havana, Cuba, como coordenador de atividades da comitiva brasileira. Lançou livros em várias feiras e eventos, como o Congresso Galego Português de Psicopedagogia, em Braga, Portugal. Recebeu diploma de mérito literário na Câmara Municipal de Natal, em 2016. Atua como conselheiro no Conselho Municipal do Livro e da Leitura de Natal. Seu trabalho literário foi premiado pelo Ministério da Cultura, no concurso literário *100 anos da semana de arte moderna de 1922*, com a novela *Anarquia dos Cafezais*, em 2018; em 2019, seu romance *Raios de Sol* ganhou o Prêmio literário Moacyr Cirne, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Natal.

De cor e salteadas

Anas, Raquéis, Ramonas
Mais iguais do que nunca
Divas, altivas, invejosas
Vermelhas de raiva
Marias, Marinas,
Brunas se embrumam
Biancas, Brancas, Vandas,
Evas daninhas
Estéfanos, Brendas, Serenas
Flores amarelas de medo, tadinhas
Mykeilas, Lorenas, quase morenas
Confusas, cafuzas,
deslumbrantes Luzias
Danielas tão belas e revoltadas
De cor e salteadas
Em busca de suas diferenças
Quem inventou?
Quem inventou tanta cor?

Noite em revolução

Preciso aprender do seu tempo
Dessas velhas noites enfrentadas
As que fecundam os dias
Preciso saber das faltas
Dos amores e nostalgias
Preciso saber do que nem me houve
Adentrar antigos casarões
Das suas dores me reinventar
Sei que não me entende
Muito menos,
as minhas estranhas revoluções
Você que a ninguém se nega
Entregue aos olhares
Repartida, apaixonada e sozinha
Eu o meu egoísmo confesso
Quero que seja só minha



>>Aluízio Mathias<<

Nasceu em Natal/RN. Envolveu-se com a poesia a partir da experiência com o Grupo Cabra. Organizou, com outros jovens artistas, a oficina de criação *Aluá Edições Alternativas*, grupo que divulgou fortemente a chamada Poesia Marginal na cidade. Publicou os livros de poemas *Cárcere das Letras* (1979), *Concerto em Geral* (1980), *Extrema Poesia* (1981), *Poemas Soltos na Buraqueira* (1983), *Pipocalipse Nau* (1984), *Fato Consumido* (1985) e *“Liberdade Palavra Poesia”* (2017). Idealizador dos projetos *Poesia Circular* e *Folha Poética*, membro ativista da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins (SPVA/RN) e 2º Vice-presidente da União Brasileira de Escritores (UBE/RN).

Cores nordestinas

As cores do traço nordestino
Afasta as dores
De um lamento em desatino

Revejo as cantorias, violas na feira
Fogueiras, brincadeiras
Um arraial de meninos

A madrugada do roçado
Acendeu a luz do sol
Sol eloquente,
como a paixão, ardente

E agora meus sonhos
Se embalam, nas imagens repentinas,
E esse cordel de cores nordestinas
Será veredas de um
caminhar solidário.

O amor em tempos de lives

Live à alma
mantenha a calma,
fique aqui nesse cantinho
isolada em meu carinho... 

>>Amanda Romana<<

Eu sou Amanda. Romana. Oi.

Eu não tenho tantas coisas assim pra falar sobre mim, mas basicamente eu sei que quero escrever e atuar desde os 8 anos de idade. Eu fui influenciada positivamente pelo meu irmão desde então, com os gostos mais diversos e clássicos para alguém naquela época, e a partir daí, eu criei minha própria influência de gostos. Eu sou bastante curiosa e observadora. Meu pai me ensinou que esse é o melhor jeito de conhecer alguém ou alguma coisa genuinamente. Por exemplo: se eu assisto uma série ou um filme e amo, eu já procuro saber sobre qualquer outro projeto ou parte importante e relevante para mim daquelas pessoas. Foi assim que descobri que Rick Riordan e Mike Flanagan me influenciam bastante em suas determinadas áreas. É bastante peculiar... ou não, dependendo do seu ponto de vista, mas diz bastante sobre como eu crio e recrio continuamente e repetidamente listas favoritas, gostos e capítulos de obras minhas.

Eu escrevo títulos longos para justificar dores rasas e que me matam

poesia velha
poesia espera
poesia crua
poeme-me nua
tão peculiar, mera transformação
os traços que levam ideais
os perdidos que não sabem paz

atento
mundo singular, intenso
me tornando mais dela
me tornando solidão sincera

poesia, poesia, me mata
tão verídica, sacana, mimada
em você

poesia interna
poesia perpétua
poesia que fere
poeme-me dele
tão depressa, constelação sutil
canções, exposições perdidas
os heróis que eu trago despedidas

escondo
hiperativo, escuto sozinho
me engulo em cada decepção
me imponho toda decisão

poesia, poesia, me rasga
tão sublime, minhas mágoas
se enroscam
em você

poesia que me faz felina
minha fala atraca e germina
eu ainda te encontro no branco
de cada esquina manchada que
me desestabiliza
quanto falta pra escapar na surdina?
eu me entorno noutro mundo
em outra estrada
eu ainda não colori todas as
páginas da minha alma
os versos que escrevo são dor
de cabeça pra quem não tem
outra mamada
o grãozinho que se esconde na dor
minha fé revirada falando incolor
minhas ideias são baseadas em tudo
o que engloba o amor

[me faço, me seco, me renuncio
em dias de prisão, me silencio
tem páginas escritas por mim de você
em todos os barulhos silenciosos
que eu me deixei enlouquecer]

poesia, poesia, me larga
tão melancólica, presa, estranha
em você

no peito, o amor grita
no mundo, o ódio respinga
eu releio porque as coisas
são tão propícias
ao mal que me torna escarnecida
poesia, poesia, me dispa, me revele
poesia, poesia, seu amor me preenche

poesia, poesia, me mata
tão pequena, meu coração
chora minhas mágoas
em você



>>Carla Alves<<

Brasileira, natural de Natal, no Rio Grande do Norte. Produtora cultural e professora. Idealizadora dos projetos '*Um Toque de Poesia*' e '*Sarau Quinta das Artes*'. Editora da '*Folha Poética*', articuladora do Mulherio das Letras Zila Mamede e coordenadora de mídias sociais na União Brasileira de Escritores - Seção Rio Grande do Norte (UBE/RN). Tem poemas publicados em três coletâneas literárias, entre elas '*O livro das Marias*' (2019).

Rotina de brincar

Fim de tarde...
Banho tomado
Roupa cheirosa
Cabelo arrumado
Pronta para a prosa
Sentada na calçada
Vendo o movimento
Esperando a hora
Das brincadeiras de roda.

E chega o momento...
Pai Francisco dá o tom
Marré Deci distribui riqueza
A cantoria é alta e afinada
A coreografia, bonita e certa
Uma cena de peculiar singeleza.

Dona noite se apresenta...
As estrelas testemunham
O fim da brincadeira do dia
Mamãe faz sinal para entrar
O jantar já está na mesa
Papai acaba de chegar
A despedida não tarda
O silêncio se faz na calçada
Todas, agora, dentro de casa.

Amanhã começa tudo outra vez...

Primeira morada

A casa da 7 era feita de uns...

Uma sala
Um quarto
Um corredor
Uma cozinha
Um terraço...
No quintal, um abacateiro,
Um canteiro de boas-noites
e onze-horas
E, ao final, um banheiro.

Modesta
De telha
Chão de cimento vermelho
Na frente, uma porta,
Daquelas divididas ao meio
E uma janela,
Na qual eu me debruçava
E, diante dela, aprendi a olhar,
Cecilianamente,
As pequenas felicidades certas.

>>Cefas Carvalho<<

Escritor, poeta e jornalista. Nasceu em São Paulo em 1971 e mora em Natal há três décadas. É militante cultural e editor do Portal Potiguar Notícias. Tem oito livros publicados, entre eles o romance *Os olhos salgados* e o de contos *Noite passada eu sonhei que alguém me amava*.

Chamado

quando me chamava
eu vinha
sem alarde, sem espanto
e então naufragava
durante a tarde
em pranto

quando me chamava
não tardava
que eu viesse
e me perdesse em gozo,
em lava, em ladainha

e quando anoitece
ninguém testemunha
nosso crime doloso

somos carne e unha
gente que merece
o que se avizinha

(o fundo do poço)

Biópsia

vivo
em uma inquietação
de mãos, pernas

um emaranhado de
veias, artérias

um punhado
de desejos vãos

umas tolices,
umas ideias

deslizes
e crueldades
ternas

vivo
em estado de
ebulição 

>>Cláudio Wagner<<

É poeta, professor, historiador, Cientista das Religiões (UERN), mestrando em Ensino da História (UFRN), 1º Secretário da SPVA/RN e autor do livro *Entre a Sombra da Razão e a Razão da Sombra* (2006).

A lua

A Lua rendeu-se à sua venustidade
A transcrever intencionalidade
De lhe dispor.

Em meu intento de gozar
como os homens
A magistral sensação de
no teu corpo tocar

Mas, sou a Lua orbitando
marginalmente
O teu SER efígie,
Com sacrilégios que venho
a come(r)ter.

Amor?

Tinha um AMOR
E eram dois
Prato feijão-arroz
Ao lado da cama roupas
Largadas
Corpos-cristais nus
Outros abraços enamorados
Adentrar nosso SER
Gozados, exaltados, suados,
Esgotados
AMOR?
Esperanças em camas
de uma dia sermos uns.

Calíope

Em inspiração, quero possuir
rolar nos despenhadeiros
de tua volúpia.

Gozar, regozijar
num transe acoplado
em ti.

Mas sei que tua beleza
que ali está exposta
não é para o deleite
dos simples mortais.

Teu nu,
que serpenteia pelas minhas quimeras
é só tua liberdade que mostras,
nada mais.

E descobrimos,
filha de Zeus e Afrodite
que em tua arte exorcistas,
o desejo machista
criando no mundo
Amor feito de Paz.

Desejo, deSejo deseJo, dEsejo
desejO, DESEJO,
mas não incontoláveis.
Infel no SER. 

>>Clécia Santos<<

É poetisa da cidade de Natal, participa em movimentos literários como a Sociedade dos Poetas Vivos e Afins (SPVA/RN), União Brasileira dos Escritores (UBE/RN) e Associação Literária e Artística de Mulheres Potiguaras (ALAMP). Tem publicados livros de poemas: *FLOR de CACTUS*, *Angel Brisas & Poesias*, *Seiva de Palavras*, *Ponso de Borboletas* e *Batons & Pausas*. Além dos livros infantis: *As Aventuras de Dorinha*, *Cabeça nas Nuvens* e *O Palhaço e a Bailarina*, como coautora junto do escritor José de Castro.

Domingo

Mais que lembrar
Tempo e tempos
Cheiros, beijos, amar.

Sou giz

Viajo dentro de mim
E me encontro inspiração
Demoradamente segredo
Dona absoluta...
Desses labirintos.
Por vezes medos
Outras coragem.
Um fazer de contas
De verdades ou mentiras
Nesse mundo inverso
De real e durezas
De plumas e ilusões.
Sou isso então:
Suor, lágrimas, sorrisos,
Alegrias, sofrer e paraísos.





Gil

>>Gilvânia Machado<<

Natural de Natal-RN. É mestra em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora, poeta, escritora, organizadora de antologias, feminista e ativista cultural. Membro da Academia de Poetrix, ocupando a cadeira 8. Publicou diversos contos, poemas e artigos em revistas, jornais, e coletâneas no Brasil e no exterior; organizou coletâneas de poemas; fez parte como avaliadora de diversos concursos nacionais. Prêmio Destaque Nacional no Concurso de Novos Poetas. Membro e diretora do Conselho Consultivo e da Comissão Editorial da União Brasileira de Escritores do RN (UBE/RN). Membro da Associação Literária e Artística de Mulheres Potiguares (ALAMP). Faz parte do Mulherio Nacional das Letras e do Mulherio das Letras Zila Mamede-RN. Apresentadora da LIVE MIX BRASIL: ARTE & CULTURA: <https://www.youtube.com/channel/UCqXf3l-ZkFbEikPUv9PAO3w>.

ReeXistência

Lágrima – chuva dos olhos –
Que rega o coração árido
Você vem na correnteza
Reinaugurando mundos em mim
Na vitrola, nossa canção
Você lê as notícias e fala sobre
Os insanos que estão no poder
Triste realidade, baby, triste!
Com uma linha me ensina
A brincar de cama de gato...
Brincadeira de infância
que nos distrai...
Você diz que vai embora
pra outro lugar
Eu sonho com o país das maravilhas
Sua voz por um fio, rouca,
a cantarolar.
Te amo, te amo baby, baby, baby...
Como nas letras das velhas canções...
Queremos escoar as
águas turbulentas
Que correm dentro da gente...
Queremos curtir blues
Ler poemas no jardim
Mas o mundo lá fora é desamor
e intolerância.
Eu grito, saio às ruas, ergo bandeira.
Você silencia se recolhe pinta
girassóis escreve poemas
Resistimos, reexistismos, baby.

Procura

Na solidão do apartamento
Arquiteto meu bar
A voz rouca de Janis Joplin na vitrola
Taças de vinho. Acendo o cigarro
A fumaça desenha figuras abstratas
Te procuro no emaranhado
de lembranças
Torvelinho de pensamentos
Acendo mais um cigarro....
Baby, te procuro...
Meu corpo arde de desejo
Procuro distrair-me...
Te esquecer
Encho a taça
Através da vidraça
Na branca melancolia
Um gato preto deitado na neve
Aquece o frio das horas envelhecidas
Te busco nos meus poemas
Dizem que para quem se basta,
A solidão é uma ótima companhia...
Acredito, acredito, baby? “Maybe”...
Vislumbro tua alma
no líquido vermelho
Com volúpia.
Bebo tua alma.
Tim-tim!!! 



>>Humberto Hermenegildo<<

Nasceu em Acari-RN e reside em Natal-RN desde 1972. Possui mestrado em Teoria e História Literárias (UNICAMP), doutorado em Literatura Brasileira (UFPB) e estágio de pós-doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH/USP). É professor titular, aposentado, da UFRN; Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras e Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Autor dos livros: *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte* (1995); *O lirismo nos quintais pobres: a poesia de Jorge Fernandes* (1997). Na área da escrita criativa, é autor dos livros: *Rastejo* (romance, 2017), *Argueirinha* (poesia, 2017, premiado pela Universidade Federal de Goiás) e *Arredado pé* (poesia, 2018).

Casamento

Para Antônio de Araújo Pereira

O capitão irmão do Presidente
do Rio Grande do Norte

Chamou a moça e

Disse

Filha

Você vai pra Caicó,

Para as terras da Timbaúba!

Caetano do Riachão esperava na sala
Trezentas reses mugiam babujadas.

A mulher de Caetano Baptista

Para Guilhermina Umbelina de Araújo

A menina alva

Dos olhos azuis

Tinha suas prendas.

Doce em barra e calda

De goiaba, imbu...

Licor no resguardo

(malva-rosa, sempre)

Raivas e sequilhos.

Visitas na sala

O capão no fogo

Cascudo no coco

Pirão quente, gordo

(bem aferventado).

E o pé no pescoço

Do moleque zonzó

Para a pisa leve

De chibata ou

De garrote, verga

Cacete flexível

Sola de boi manso

Antes da tortura
Do varão sisudo
Que descia a lenha
No lombo do preto
Mijado de medo.

A menina branca
Madrinha de pretos.

Garrafas de vidro
Cheias de sementes.
Seleção dos verdes
Das férteis vazantes.
Seleção de cores
Seleção de dores
De um Seridó branco.





>>Isabel Firmino<<

Formada em Letras pela UFRN e pós-graduada em Língua portuguesa e Matemática numa perspectiva transdisciplinar pelo IFRN; natural de Natal e autora do livro *Conotações do meu entardecer* (2018), livro de poemas, crônicas e memórias literárias. É professora das redes Estadual e municipal de Natal.

O vale

Rio que o vento balança,
Estrelas que refletem nas águas,
Vento que não se cansa
De levar consigo as mágoas.

Sol que ilumina e esquentar
As areias fininhas da terra,
Que viajam quando venta
Para as encostas da serra.

Vento que fala baixinho
Para as aves altaneiras,
Felizes fazendo ninho
No alto das carnaubeiras.

Lúgubre cascata a cair
No verso de meu coração,
És como um soneto a sair
Pelas portas da emoção.

Matemática

A matemática é importante
E também interessante:
Posso somar amores,
Diminuir tristezas,
Raivas e dores,
Dúvidas e incertezas.

Não devo multiplicar brigas
Mas posso dividir a amizade
Pois para evitar intrigas
Só isso tem validade.

Quando a professora chamar
Para resolver equações
Espero poder decifrar
Todos aqueles problemões.

Na matemática da vida
É difícil contabilizar
A hora da partida
Que não se pode evitar.

Meu infinito

Se fosse meu o infinito,
Seria seu esse mundo;
Sua respiração o grito
De meu amor mais profundo.

Se fosse minha a lua,
As brisas que a beijam;
Seriam também suas
As estrelas que a desejam.

Mas não é meu o infinito
Nem o que há de mais profundo,
Só ouça o que te repito:
É somente seu, o meu mundo. 

>>Jeanne Araújo<<

Nasceu em Acari, seridó potiguar, em 1968 e mora atualmente em Ceará-Mirim, onde é membro da ACLA – Academia Cearamirinense de Letras e Artes Pedro Simões Neto. É professora, poeta e escritora. Formada em Letras com Especialização em Literatura e Ensino. Publicou os livros de poesia *Monte de Vênus* (edição da autora), *Corpo vadio* (Editora Penalux), o romance *Combustão* em parceria com o escritor e jornalista Cefas Carvalho e a novela *Cercas de Pedras*, estes últimos também pela Penalux. Integra diversas coletâneas e antologias de Concursos Literários regionais e nacionais.

Construção

Nada deixei para trás.
Renovei sempre o doloroso
espinho enfiado na carne.
Ergui uma cabana de pele e ossos
junto à ressaca marinha
e todos os dias cumpro
o velho ritual de reconstruí-la.

Minhas amigas me olham
a uma distância segura
sentem pena da minha incansável
reconstrução.
Minhas mãos e minha alma
estão em frangalhos
mas sou eu quem sente primeiro
o mormaço, o sal e o alumbramento
da pancada da vida
no meu coração incansável.

Balada para um anjo negro

Escrevo-te, meu neguinho
enquanto ouço a ave-maria
do morro onde morreste
sob aquele viaduto
na vicinal da tua vida
marginal.

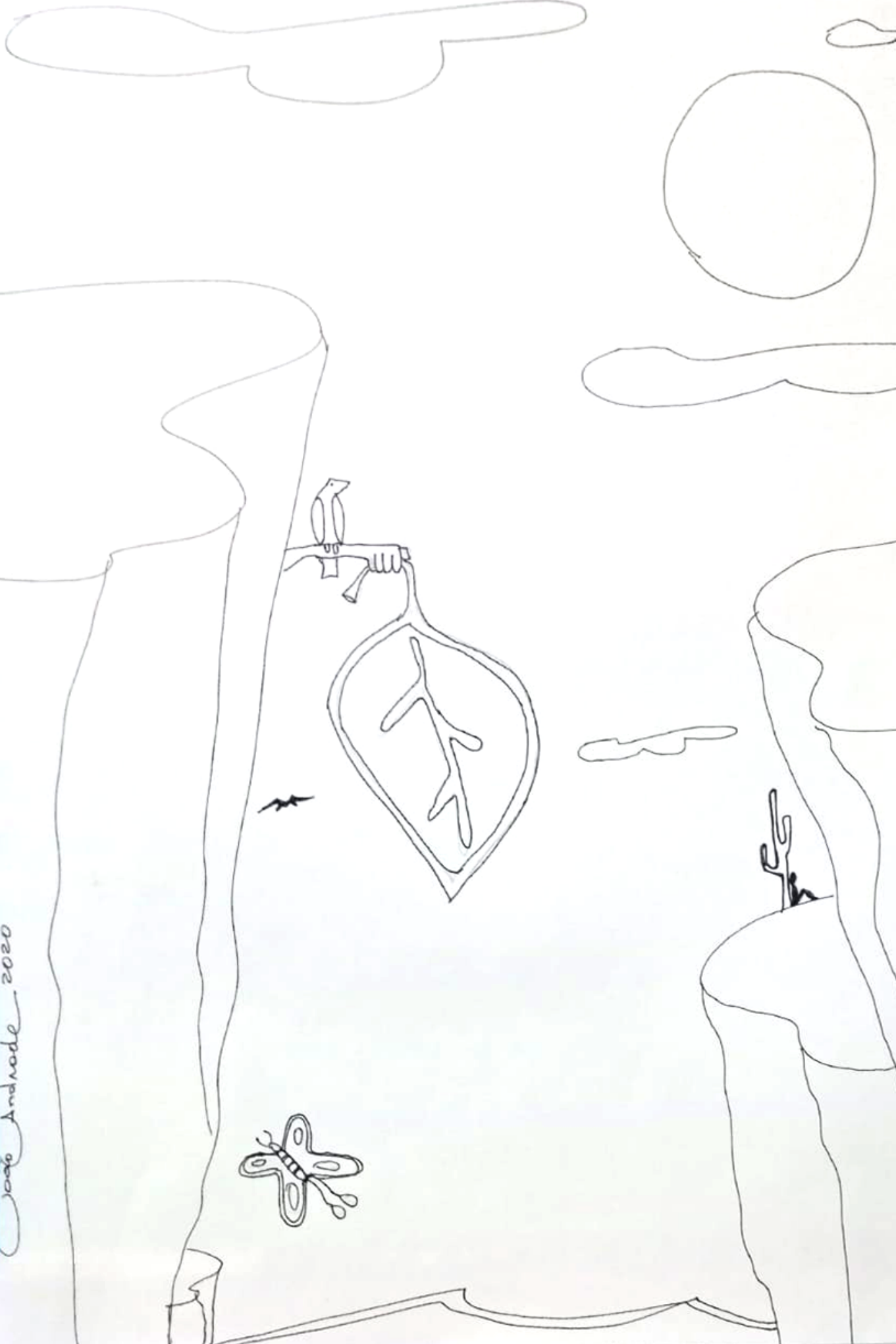
Escrevo-te enquanto
teus olhos estão abertos
mesmo cegos de vida
enquanto a cocaína
perfura teu estômago
e endurece teu coração.

Escrevo-te porque
já não tens tempo
nem estrada
e ninguém lamentará
por ti.

Teu preço foi acertado.
Tua alma agora é livre.



João Andrade - 2020



>>João Andrade<<

É pai de Joãozinho, poeta, contista e artista plástico. Como poeta, ganhou alguns prêmios literários e já participou de dezenas de antologias, em diversos estados do país; colabora com diversos jornais alternativos e sites literários em diversos estados brasileiros e em Portugal. Publicou os livros de poemas: *Por Sobre as Cabeças* (2005), *Cantigas de Mal Dizer* (2010), *Livro de Palavra* (2013), *Estilhaços* (2020) e o de contos: *Contos de Escuridão e Rutilância* (2017). Como artista plástico, realizou as exposições: *Vou-me embora de Pasárgada* (2013), *Da escuridão à rutilância* (2017), com o poeta e artista plástico Alfredo Neves e *A Degeneração da Arte* (2020), com os poetas e artistas plásticos Alfredo Neves e Aluísio Azevedo Júnior.

O abismo que trago em mim

O abismo que trago em mim
consome os meus dias
e tudo ao meu redor.

O vazio que circula em minha alma
afaga e afoga meu desejo,
vejo o beijo
e o ventre da vida vindo me acordar.

Lembro que estou vivo,
pois pulso e sangro,
tropeço e caio.

Sou minha alegria
e minha dor de existir,
sou vontade e necessidade
de eternamente cair.

Sou parte integrante da queda
e da intimidade do abismo.

Ele está dentro de mim,
assim como estou dentro dele.

Sou seu íntimo e sua verdade.
Ao olhá-lo nas entranhas,
sei que sou olhado.

A mesma corrente
que me prende ao rochedo
liberta minha alma
e meu medo.

O mesmo segredo
que me contempla
é por mim contemplado.

Não é qualquer egoísmo

Não é qualquer egoísmo

que me (e)leva à condição de abismo.





>>José de Castro<<

Mineiro, gosto de rios, montanhas e trens maria-fumaça. Por querer o mar, vim para o litoral potiguar abraçar dunas e ventos. Escrevo todos os dias, poemas principalmente, *Apenas palavras* (2015) e *Quando chover estrelas* (2015). Invento em todos os gêneros. Escrevo para crianças desde 2002 (*A marreca de Rebeca*, *Poemares*, *A cozinha da Maria Farinha*, *Poetrix*, *Vaca amarela pulou a janela*, dentre outros). Membro da SPVA/RN, da UBE/RN e da Academia Internacional Poetrix. A palavra é o fio que me escorre vida afora.

Tupiniquim

Minha força,
minha lança
minha raça,
minha herança
meu jeito de ser
criança tupiniquim.
Eu que já não sou mais eu...
Onde habita o índio
que morava em mim?
Fez-se ancestral do tempo,
vaga memória, vaga
pelos mundos sem fim.

Cantiga para moer o vento

Não sou moinho, mas moo o vento.
E sigo ao relento,
rápido feito corisco.

E assim, menino arisco,
vida fora me arrisco.
Tiro a blusa e abotoo a brisa.

Não vivo de ágio, sou moeda frágil,
de pouco preço e muito apreço ao
vento contrário.

Feito verso quebrado, me reinvento.
E danço na melodia do
sopro do tempo.

E prossigo sereno
sem ser sério, pilherio.

Rio de coisas atoas,
das quais me ocupo.

E não fujo do abraço das palavras,
das quais sou amigo. E com elas
nunca me intrigo.

E viro grão de trigo, desses de fazer
pão de poesia,
que lavra o verso ao inverso e,
travesso, o atravesso.

E cruzo a margem do rio.
E rio e nado

esse nada que é tudo,
eito de desvario.

E me deito à sombra da lua, no meio
do assombro.

Visto a noite com essa beleza tua.

Sou vasto assim como a campina
onde pasce o poema.

Crio carneiros de nuvens e apascento
estrelas.

Junto-me a otelos e quixotes, cavalgo
o silêncio mórbido do planeta,
cometa sem luz. E cometo poemas
na madrugada... que ri de mim.

Divagações em tempos de quarentena

Hoje, as palavras me são estrangeiras,
todas elas.

Viajaram sei lá para onde.

Esconderam-se. Fugiram talvez para
Pasárgada.

Pelo menos, poderão virar poesia.

E estou recluso. Sem passaporte para
a liberdade.

Preso em alguns metros quadrados
da casa,

por trás de um muro, protegido do
mundo por algumas grades.

Não vejo nem o carteiro, que já não
traz cartas.

E nem cartões de Natal.

Recuso-me a ir à caixa de coleta e ver
apenas boletos.

Ou propaganda de serviços de
encanamento, eletricidade,
reboco, pintura, gesso, portão
elétrico, fast food e
até leitura de mão.
Nada disso me interessa.
Quero ver gente de carne e osso,
além do entregador de gás e água.
Mas fugiram-me pessoas e palavras.
Quero encomendar um poema
a alguém que saiba escrevê-lo.
E que venha recheado daquelas
palavras tolas
que nos fazem sentir em tempos
que não mais existem.
Ou palavras raras como euclásio,
tarlatana, adâmico,
fúcsia, obnóxio, berbere,
ferrusco, pechisbeque.
Todas essas e aquelas que
nos causam um gostoso espanto
de saber que foram acordadas
do dicionário e vieram
nos acariciar os olhos com
suas cores e sentidos vários.
Acho lindo, mas corro para o
dicionário.
E se estiverem debochando de mim?
Fica melhor quando vêm palavras
populares como
beradeiro, cachimbeira,
capiongo, pantim, estrovenga,
frivião, gorgomilo, gaiteira,
por aí afora.

Ah, palavras, tão preciosas
para todos nós!
Sei que elas têm sabor,
perfume, som, textura e cor.
E tem algo mais, inexprimível,
para além dos sentidos.
Um mistério que nos silencia
e faz pensar.
Como é vasta a ignorância
do homem,
sobretudo a respeito
das coisas simples!
No silêncio dessa tarde chuvosa,
procuro uma palavra amiga.
Que venha me ajudar
a sentir esse cheiro
gostoso de terra molhada.
Que me ajude a catar
as tanajuras e ajudá-las
a encontrar uma toca.
Outro dia, percebi, depois
das revoadas,
tanajuras perdidas
caçando tocas em calçadas e asfalto.
É só o que hoje encontram.
Onde cavar sua nova casa?
A modernidade estraga a vida
dos insetos, das aves,
dos bichos e a do homem.
Matamos a natureza e ficamos
vulneráveis.
Sem ela também morremos.
Morte, essa palavra é de matar!
Por que entrou aqui, atrevida?

Condeno-a ao exílio,
assim como hoje
virei estrangeiro de mim mesmo.
Quero apenas a vida que urge voltar a
correr feito criança
empinando pipas pelo céu.
Ou meninas jogando amarelinha
pelas calçadas.
Quero a vida sem ressalvas,
sem restrições
sem avisos de perigo
em cada gesto, em cada abraço
em cada espirro das horas.
Quero encontrar a palavra
sem fronteiras entre
todos os povos e todas as raças.
Que abrace todos os credos,
etnias e gêneros.
A palavra de todas as cores, de
acolhimento à diversidade,
respeito à diferença,
ao que parece estranho.
A palavra que acarinie tudo o que
foge às regras e aos princípios.
Mas com dignidade e ética.
Procuro a palavra que não espinhe
e nem espezinhe.
Pois hoje, fiquei estrangeiro
de palavras.
E queria muito encomendar uma
prosa, um conto, uma crônica,

uma novela ou um romance desses
bem longos que quando acaba a
gente ainda quer mais. De um autor
ou autora que saiba ir costurando
enredo, paisagens, personagens,
surpresas e revelações até aquele
final que a gente nunca pensou
existir. Que conte a minha história,
a tua história, e a de todos nós
estrangeiros, escravos e prisioneiros
da angústia desse tempo insano que
invade a casa, se expande pelo bairro,
cruza a cidade, percorre o país e
assusta e desafia o mundo inteiro.

Mas não sei falar essa língua de
consolo, pois a única palavra que
teve a coragem de chegar à minha
porta estava de luva.

E tinha uma máscara
cobrindo a boca.



>>Júnior Dalberto<<

Foi escritor, dramaturgo, encenador e poeta potiguar. Autor de um acervo literário premiado e reconhecido internacionalmente, entre suas principais obras está *Pipa Voada Sobre Brancas Dunas*. Sua dramaturgia transitava entre os gêneros adulto e infantil, todos com textos de sua autoria, a peça infantil *Titina e a Fada dos Sonhos* é um dos seus livros infantis mais conhecidos que virou peça de teatro duas vezes com direção da renomada Diana Fontes. Já a peça adulta *Borderline* foi premiada inúmeras vezes e circulou por várias capitais brasileiras. Júnior Dalberto também colaborou com inúmeras coletâneas nacionais e internacionais, chegou a representar o Brasil na obra *Brasilis* na Feira Internacional de Cuba em 2017 e 2018. Fundador da iniciativa *Federais Solidários* e membro de projetos sociais como Caravana Literária, Carrossel da Leitura e Sarau Quinta das Artes. Foi Membro de entidades literárias em Portugal e França.

Trégua

Fiz as pazes comigo
Com minhas saudades,
Desejos e dúvidas.
Fiz as pazes com minhas
caminhadas sem rumos,
De me perder de você,
De me perder com você.
De jogar tudo para cima
E feito sombras culpadas
Voar desenfreado sobre
nossas cabeças.
Fiz as pazes com Deus,
Com você, com nossos anéis.
Agora, sou somente, eu,
Éter, água com gás, gelo seco
e luz neon.
Sou o que me seduz.
Fiz as pazes com Deus,
Deixei de viver lado a lado
Com quem mora ao lado,
Com o que via, de lado.
Que caminhava ao meu lado.
Atravessei a rua.
Fiz as pazes com Deus
Fiz as pazes comigo.

Desde muito cedo

Desde muito cedo
aprendi que não existe futuro,
somos o nosso próprio passado
e ele será sempre bem presente.





>>Lucivaldo Feitosa<<

É macaibense, Professor de Arte com habilitação em desenho, no entanto, gosta de pintar e inventar coisas. Como passa tempo, curte editar imagens e vídeos; como artista multimídia, tem experiência na área de Teatro e viaja por aí, contando histórias para crianças, além de escrever poesias, cordéis, contos e peças teatrais.

Vírus fatal

Chegou sutilmente
Invadiu a sala
Adentrou na alma
Inevitavelmente
Foi ganhando espaço
Abraçou o sujeito
Do grupo de risco
Com tamanho esforço
O caso agravou-se
Momento fatídico
Segue o martírio
No calor ou no frio
No seco ou no molhado
No campo ou na cidade
Consegue-se o leito
Instala-se os equipamentos
Mas o corpo frágil
Pobre ou rico
Preto ou branco
Gordo ou magro
Não reage ao trauma
Estado de padecimento
O vírus fatal e maldito
Aumenta a lista
Mais um para a estatística.

Pandemia

Março foi o marco
Folgar o nó
Desatar o cadarço
Tirar o sapato
Isolamento de fato.

Em Abril tudo se fechou
Lojas fechadas
E a atividade fabril
Templos fechados
Ruas desertas
No mês que não se abriu.

Entramos em maio
E ficamos em casa
Repetindo o ensaio
O corpo febril
Seguia em isolamento
Testes, sintomas, desmaio
Vítimas do sofrimento.

Junho, sem festa
Cautela no momento
Na receita, o rascunho
Atesta positivo
Segue o tratamento
Cerra-se o punho
Vidas em redemunho.

Chegamos em julho
Submersos em um mergulho
Conta-se os mortos
Em escala crescente
Deixados como bagulho
Sem o olhar aparente
Num monte de entulho.

Apareceu Agosto
Trazendo a lua cheia
Quem sabe a sua luz
Nosso túnel, clareia
Sob o gosto e o desgosto
A vida segue seu rumo
Solitária em seu posto.

Quando entrar Setembro
Quem sabe, eu me lembre
Que todo esse pesadelo
Foi algo bem real
E que a partir deste instante
O ritmo da nossa vida
Voltará ao seu curso normal.



>>Marcos Campos<<

Marcos Antonio Campos nasceu em Natal em 26/04/1951. Aposentado do Banco do Brasil, formado em Letras, Administração e Ciências Contábeis todos pela UFRN. Membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), da União Brasileira de Escritores (UBE-RN), da Academia de Trovas do Rio Grande do Norte (ATRN) e da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do Rio Grande do Norte (SPVA-RN), poeta e contista publicou os Livros de poesia *Um Bêbado Sonhador* e *Babel* ambos pela Caravela Selo Cultural, lançará, ainda este ano, o livro de contos *Algodão Doce* com incentivos da lei Aldir Blanc e em 2020 o livro de poesias *Absinto* ambos pela Caravela Selo Cultural. Lançou, como organizador os livros *A Pipa* e o *Alferes Domingos João Campos, Senhor do Engenho Jundiabi, História e Genealogia*. Poeta premiado em vários concursos nacionais está presente em dezenas de antologias e e-books pelo país. Publicado pelas revistas literárias: Kukukaia, Nikkei Bungaku, Philos, Folha Poética, Toró, Huellas de Inspiración, Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Norte, Revista Aipim e Acre Suplemento Cultural.

Maiakóvski

Lutaste por uma arte original,
Revolucionária.
Lutaste com a palavra.
Foste combatente do verbo,
Com poemas de exaltação.
Resististe à imposição,
De escrever o vazio óbvio,
Mas tua poesia repleta de gritos
Não resistiu ao poder.
Não resististe à revolução,
Da retórica implantada,
Da merda petrificada,
Do ar fétido de Moscou,
Morreste em vida,
Mas ficou o menestrel.
Tua ausência nos deixou
um vazio infinito
Que nem um verso gravado
no granito
Explicará o Cubo-Futurismo
de tua morte.
Em tua morte há tanto de vil
Quanto há tanto de belo.
No soneto final de tua vida,
Deixaste-nos uma fratura
Sangrando tinta escarlate,
Porém tuas rimas e versos
Não serão submersos
em tua sepultura

Hoje executarei teus versos.
Ressuscito-te porque te admiro.
Há versos novos no teu velório,
No coração-pulmão de minha vida
Respiro a tua poesia suicida,
Pois não há tiro que ponha
um ponto final
Na beleza de teus versos.

Serguei Iessienin

Estou caminhando pelas ruas,
Cabisbaixo, rumo às cavernas
Que existem sobre as poesias.

Estou caminhando pelas ruas,
Rumo à taberna mais próxima,
Procurar achar o eco de teus versos
Para um drinque ou uma Coca-Cola.

Ainda resta um pouco de luz
Do dia que está em decomposição
E as centelhas vindas do céu de tua
boca
Iluminam as estrelas de meu chão.

Observar o dia indo embora,
Absorver o lirismo da lua,
O dia se dobrando em dois
Justamente no meio da rua.

O coração feito granada,
O músculo pronto a explodir.
Decantarei os perigos do amor
A insônia febril, a dor incolor,
Entre doses e o caminho de giz,
Terei a coragem de muitos fuzis,
Comandarei a audácia da revolta
E com teus braços como escolta
Livrarei a anatomia das melancolias.

Se erguei Iessienin,
Levanta tua cabeça de novo,
Esperando-te está o povo.
Corta vosso próprio punho
E com as palavras sangrando
Escorrendo de tuas veias
Seca-as! Em folhas de papel
E escreve de novo
O poema da despedida
Com teu próprio sangue.





2015

JA!

ECO...

M. Marie

>>Margot Marie<<

Não é poetisa; Margot Marie é a musa. Margot Marie é o codinome de Margareth Pereira Dias. Mestre em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. É professora da rede pública municipal de Natal e estadual do RN e revisora de textos. É amante das artes, em especial, da poesia, música e pintura.

40°

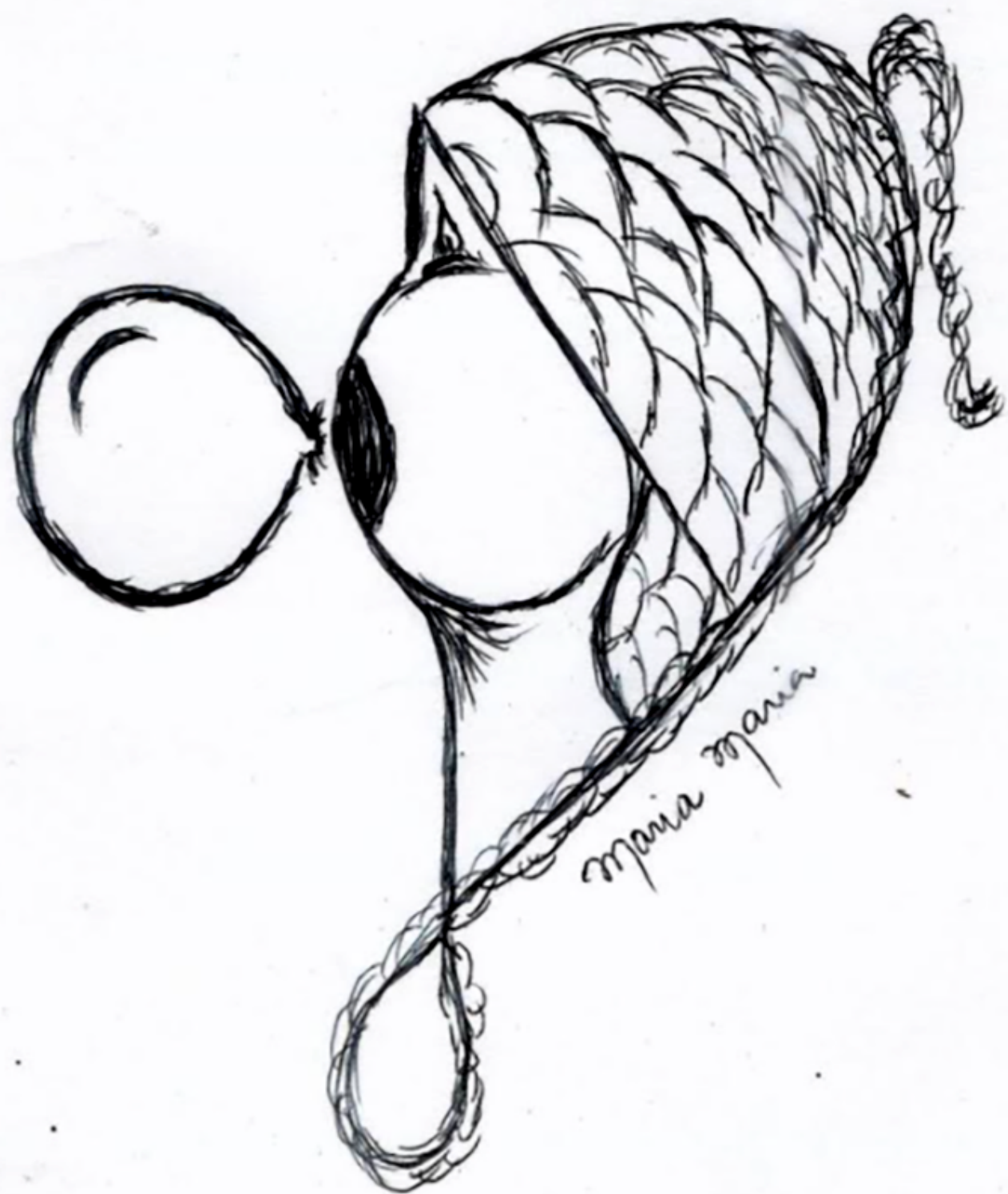
Estou quente.
E não é uma febre
assim tão evidente.

É uma febre que toma conta de todo
o meu ser,
me deixa assim suada e temperada!
Disfarçadamente molhada
ao te ver.

Nas estações

Eu te sinto
o ano inteiro
como sinto
as estações.

Eu te sinto
primavera,
como fêmea,
como fera,
refaço-me a cada cio,
envolvendo-me nos fios,
renovando-me
a cada espera. 



>>Maria Maria Gomes<<

É o nome literário, adotado por Maria José Gomes (de Araújo), nasceu em Currais Novos/RN, em 15 de outubro de 1966. É formada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com pós-graduação em Literatura Luso-brasileira, pela mesma Universidade, e em Educação, Pobreza e Desigualdade Social. Especialista, também, em Literatura e Ensino pelo IFRN. Atualmente é aluna do curso de Geografia pela UFRN. Autora de 12 obras nos gêneros prosa e poema, também participa de oito antologias em várias regiões do país. Divulga obras literárias em seu canal no Youtube: Maria Maria no Mundo das Palavras. É uma artista atuante com o olhar voltado para o fomento da arte literária potiguar.

Curva

Meu corpo
é uma curva de rio.

Quando chove,
eu me chovo labaredas!

E por isso:
animo,
grito,
gemo...
e rio.

Espinho

Meus ossos resmungam
frases soltas,
risos leves,
mares frios,
pedras rotas,
línguas tontas
– sem jeito –
como espinho cravado
no peito. 

>>Ozany Gomes<<

Graduada em Pedagogia (UNIFacex), Especialista em Leitura e Produção de Textos (UFRN) e Gestão Ambiental (IFRN). Membro do Núcleo de Estudos em Literatura e Cultura Potiguar (NELCP) ligado ao IFRN. Atual Presidente da Sociedade dos Poetas Vivos e Afins do Rio Grande do Norte (SPVA/RN) e editora da OW Edições.

Novo ninho

O coração pulsa ligeiro,
mas não descompassa
tudo que era dor, temor e solidão
trazidos por esta vil recordação,
joguei pela janela do tempo
transformando-os em belas asas,
que pairando no ar, ganhou distância
mostrando-me que tudo passa.
A ânsia alcançou a paz
Negligenciei seu abandono
e encontrei o entusiasmo...
de um novo ninho sou dono.

Efemeridade

Em noites de lua cheia, a contemplo
E fico imaginando teu olhar...
A saudade que sinto,
Deixo escorrer dos olhos sobre a
face.
Pequenas promessas...
Sentimentos recíprocos...
Não consigo aceitar a efemeridade.

Êxtase

Teu olhar de prazer
nsia do meu corpo
Delírio do meu desejo.

Borboleta sem asas

Forças do universo te trouxeram,
numa linda tarde.
Chegaste como uma borboleta,
nas asas do destino.
Pelo encantamento, me fiz lagarta...
e me envolvi em fios de seda.
Ali, senti o início da metamorfose,
mas, o casulo foi rompido
precocemente.
As perfeitas asas para
um voo compartilhado,
transformou-se em sonho perdido
no horizonte.
Inquieta, percebo... voar não será
mais possível.
Resta-me fazer da esperança
uma túnica
Que me protegerá do
desalento, solidão e saudade.
Um dia serei amada de verdade.



>>Renier Luiz<<

é natural de Lajes/RN, tendo se ausentado desse município no final da década de 70 (1979) rumo a Natal com o propósito de estudar, pois em Lajes à época não existia escola com ensino médio; assim cursou essa etapa do ensino na E. E. Anísio Teixeira onde concluiu o Curso Técnico em Serviços Bancários; cursou Letras – licenciatura plena na UFRN, é pós-graduado pelo IFRN (especialização) em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade Educação de Jovens e Adultos, tem mestrado em Letras pela UERN (pro-fLetras). Completou 30 anos como professor. Coautor do e-book: Dois cravos e uma rosa (2019).

Cósmico abraço

Precisamos tanto de um abraço!
Contudo, como abraçarmo-nos
Se estamos, por dia, proibidos?
Então... fechemos os olhos
E, em pensamento, abracemo-nos
Em um aperto demorado, silencioso:
Um silêncio de mil palavras.
Um abraço no qual seja possível
Sentirmos os nossos
batimentos cardíacos,
Pensamentos e sentimentos unidos,
E os nossos cheiros se misturem.
Este não será igual àquele...
nunca será,
Transcende-nos o pessoal.
Sintamo-nos abraçados.

Congresso das dores

Que dor é essa
Que insiste em mim
E se viciou em mim?
Será que é só minha?
Será que outros se unem a mim
Com a mesma dor?
Ou outras dores trazem em si?
Viciantes até.
E se essas dores, nossas;
Unirem-se.
Talvez se tornem tão fortes
Que virem antídoto
Contra todo tipo de dor. 

>>Rosa de França<<

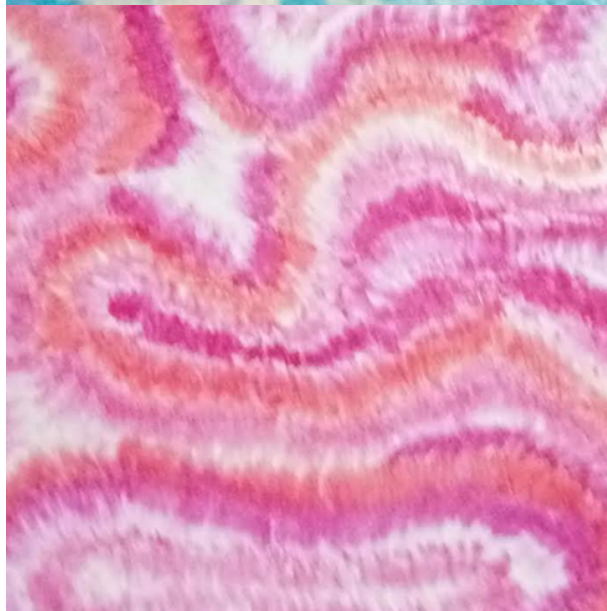
Pseudônimo de Rosângela França de Melo, graduada em Letras, Professora Mestra em Estudos da Linguagem, pela UFRN; da cadeira de Língua Portuguesa nas redes estadual e municipal (de Natal), no Rio Grande do Norte. Leitora, desde que se conhece alfabetizada; poeta, desde que se viu encantada por traduzir o mundo que enxergava, em letras e rimas. Publicou nas antologias, *Sentido Inverso* e *Estações*, ambas da Editora Andross; constitui o corpo do Mulherio das Letras Zila Mamede, da Toca-RN e da Comunidade de Leitores Natal/RN; Honra ao Mérito, Associação Cultural Estação do Cordel, em 2018. Mãe de Lucas e Ângela!

Minha face tua face nossa*

É fotografia roubada dos puros;
Madeira, moldura rejeitada, vossa.
Para ser minha, no escuro.
Cada vez mais, nossa,
Tua face é!
Arde, sim, sua dor.
O que posso fazer,
Senão,
Curar-nos...
Com mãos cuidadosas,
Afastarmos
O espectro das moradas constantes?
Transformo minha, a força tua,
Face-aquarela, nas pontas dos
dedos...
E eu decidindo cores, como se, delas,
fosse regente.
Coisa crua, máscara, nas pontas dos
medos,
Sutileza macia, qual lábio de criança...
Pois foram tamanhos, os cortes,
Que não mais há espaço
Para sermos vis,
Como se fôssemos olhos por olhos.
Não há mais tempo,
Senão, para o belo,
Que foi o primeiro a nascer!



* Em 07 de novembro, às 7h13, por ocasião de me encantar com “Poema de Três Faces”, de Miss Walker.



>>Rosemary Melo<<

Mais conhecida como Rose. Nascida e criada em Macaíba, filha de Maria Melo de Brito e Almerindo Alves Feitosa. Formada em pedagogia, especialista em educação infantil e mestre em educação Matemática. Desde pequena gostava de "fazer arte". Em carrosséis de filandras criava seus palcos de faz de conta. Foi contando e tecendo fios de uma vida em que a menina arteira foi rimando a vida em versos e no reverso dos dias criou poesias como quem conta histórias trazidas na memória do seu tempo de criança. Encontra nas diversas linguagens da arte o equilíbrio de uma vida vivida entre chegadas e partidas o compasso da dança que traz consigo desde o tempo da infância.

Indagação/se...

Se te pareço raio de sol
Não é sempre assim
O meu dia também é noite

O texto dos teus anseios
Não fique relendo
Sou também inelegível

Se te pareço flor de lótus
Não se encante
Sou também espinhos

Se... Sou... Também...

Se te pareço sabor de fruta madura
Não se acostume
Tenho também travo
Se te pareço anjo de candura
Não se engane
Tenho também um lado demônio

Se te acendo alecrim bento
Não se embriague
O meu cheiro se esvai ao vento
Se o meu nome soa
Como música aos teus ouvidos
Não se vicie
Sou também barulho infernal
Se fui
Se sou
Se serei

Mudras – mãos que falam

Mão que acaricia

Mão que guia

Mão que acolhe

Mão que olhe

Mão que ampara

Mão que fala

Mão que toca

Mão que provoca

Mão que afaga

Mão que agrada

Mão que estabelece relação

Mão que provoca emoção

Mão que acalenta

Mão que sustenta

Mão que traz quietude

Mão que ilude

Mão que desperta prazer

Mãos que desejam você

Danço... Danço...

Danço...

Para a vida

Para sarar as feridas

Para o sol e o mar

E todos que vão se encontrar

Para a chuva e para o vento

E todos os meus pensamentos

Para a união do eu com o tu

Para o imenso céu azul

Para os que vão

E os que ficam

Para os que cantam

E os que choram

Para a vida

E para a morte

Para a espera da sorte

Pela união

Pela sintonia

Do meu corpo em harmonia

Para dor e para a tristeza

Na beleza da leveza

Para o poeta e o sonhador

No desabrochar de uma flor

Danço para tudo que há

Para todos que vão se encontrar

Para o começo e o fim

Na valsa da vida em mim...



>>Salizete Freire<<

Formada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, professora da rede pública por 33 anos, especialista em Literatura Infantil e Juvenil, com 10 livros publicados. Foi professora no curso de Pedagogia da UFRN e Instituto Kennedy, este, por 6 anos. Foi membro do Conselho de Educação do Estado; do Conselho Consultivo da UNP; Secretária Adjunta da rede estadual em 2010. Membro fundador do Comitê PROLER do RN, desde 1996; Coordenadora do Programa Agentes de Leitura 2014, atualmente, cursando Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Não vale pecar só hoje

Não vale pecar só hoje
Peque amanhã e depois
Peque muito por você
Após pecar por nós dois
Pecado só tem castigo
Quando feito escondido
Mas quando feito rasgado
Em vez de um, um bocado
Já nasce em si perdoado.

Nasci para ser feirante

Nasci para ser feirante
Com as palavras andantes
Quem vai querer cafuné?
Ou um kg de pegadas?
Gramática, expressões safadas?
Sem cerimônia sequer.
Quem quer ouvir no ouvido?
Jura dita e duvido
Que não goste da expressão .
Um vocábulo num sussurro
Frases quentes no escuro
Sofregadas do pulmão?
Nessa feira a variedade
Não vale a moeda idade
Vale o amor sem tostão
Vale o beijo, a fantasia
O grito da freguesia
A língua e muito tesão. 

>>Sayonara Macêdo<<

Escritora e poetisa; nasceu em Natal - RN, em 23 de setembro de 1976. É psicóloga especialista no tratamento de traumas e desenvolve no Centro Municipal de Referência em Educação (CEMURE), um trabalho de grupo terapêutico bastante sensível com o propósito de oferecer acolhimento e também movimento aos professores da Rede Municipal de Ensino. Por anos, atuou como professora de inglês no Município e também em escolas particulares da capital potiguar. Admiradora das artes, em especial do teatro e da dança, apaixonou-se pela escrita literária ainda na infância, quando ensaiava seus primeiros versos. Sua primeira formação foi em Letras, mas foi no curso de psicologia que pode dar vazão às suas inspirações poéticas através da contação de histórias e da dramatização. Em 2018, tornou-se membro da ALAMP (Associação Literária e Artística de Mulheres Potiguar).

Despedi-me do tempo

Despedi-me do tempo
Arredondei as partilhas
Reparei nos detalhes da casa,
nos botões da roupa
Vi que o tempo se fez
Deparei-me com meu rosto
no espelho
Que de alegre, um dia se fez triste
Entendi que a vida é bem mais
que prazeres findos

Avistei o meu ego não mais
acuado e ferido
Brindei com ele o encontro
E agora me delicio contente
Aprecio o momento,
Estou viva e isso me basta!
Agradeço pelo meu dia.

Desvirginou-se!

Desvirginou-se!
Rasgou seu véu e se despediu na
presença das flores
Ouvia-se ao longe o cantar do
rouxinol
Devagar surgiam as cores que
divagavam
Em volta da lua nua prateada
Um tom suave mostrou-se no céu
E como se pudesse fotografar o
tempo, fez-se dia
Despediu-se a madrugada. 

>>Tatiany Nascimento<<

Embora tenha nascido em Recife, considera-se potiguar, pois vive em Natal há mais de vinte anos e ama a cidade com toda a intensidade que lhe é peculiar. Formada em Letras, é amante das artes e da docência. Sonhadora, alimenta sua fé, como diria o poeta: “na vida, no homem e no que virá.”

Novo amanhecer

O orvalho escorre em sua face
Gota dolorida e brilhante
Ontem acalentava sua noite
Hoje alimenta o seu caminhar

Orvalho que brota silencioso,
pesado, surdo
Faz ninho nas pétalas e caule;
Adormece diante da luz

Orvalho tão certo e caro
Ontem frio e dor
Hoje cores, som, amor

Teu lápis preto

Teu lápis preto perfura minha alma
Pinta alegre que teus olhos
já não são meus
Teu brilho desabrocha
em outro jardim
E me enterra em mim
Teu lápis preto cega-te o meu amor
Pinta um quadro vazio de minha luz
Segues bailando,
cores novos paraísos
Desertifica-me.

O Beijo

Uma fenda no tempo

O início e o fim, fruto
e objeto do desejo

Filho dos olhos de fogo, da pele
chamejante, do sonho e da flor

Derrete e acende, divino e profano

Um paradoxo. Espelho do amor. 



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

